



3



TEMAS DE FORMAÇÃO

Pe. António de Saldanha e Albuquerque
Pe. Nelson Pereira
Pe. Paolo Asolan





M PRINCIPIS APOST PAVLVS V BVRGHESIVS ROMANVS PONT MAX AN MDC XII PONT VII

JUBILEU DA ESPERANÇA

«Levanto os meus olhos para as montanhas: de onde me pode vir o auxílio? O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra. Ele não vai permitir que o teu pé tropece; aquele que te guarda não se deixa adormecer. [...] O Senhor é quem te guarda, o Senhor é tua sombra protetora: está presente ao teu lado direito. [...] O Senhor guarda-te de todo o mal; é Ele que guarda a tua alma».

Salmo 121

A 11 de Setembro de 1891, dois tiros de pistola concluíram a vida de Antero de Quental. Diante do impermeável muro do Convento das Clarissas de Ponta Delgada dedicado a Nossa Senhora da Esperança e não longe do lugar onde até há bem pouco tempo esteve exposta à veneração dos fiéis a estátua da Venerável Madre Teresa da Anunciada. Ali o Poeta cumpriu o seu derradeiro acto e figurativamente escreveu com duas balas, assinando com o seu sangue, o seu último poema dedicado à Esperança que aparentemente se lhe escapava.

O gesto de Antero de Quental tornou-se assim um símbolo extremo e dramático do abismo de dor espiritual e intelectual a que pode descer um ser humano, independentemente da grandeza da sua alma, quando não consegue vislumbrar razões para continuar a esperar e a confiar que no fim da história de cada um, como acenou em diversas ocasiões o Papa Francisco, não há um naufrágio, mas um porto seguro que é Deus.

A Esperança é a matriz deste Jubileu de 2025. Na Bula com que o proclama – *Spes non confundit* – o Papa Francisco, perfeitamente consciente da sua necessidade para os tempos actuais que vivemos e que conhece com uma lucidez não divorciada de otimismo cristão, repropõe esta virtude teologal, porventura a menos cultivada apesar de ser incontornável suporte da fé e da caridade.

ORIGENS E FUNDAMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO

«A partir do sétimo ano, farás o perdão das dívidas. O perdão das dívidas consiste nisto: todo o credor deixará cair o empréstimo que concedeu ao seu próximo. Nada reclamará ao seu próximo ou ao seu irmão porque foi proclamado um perdão em honra do Senhor. [...] Com efeito, não deverá haver nenhum pobre no meio de ti, pois o Senhor te abençoará abundantemente na terra que o Senhor, teu Deus, te dará em herança para que tomes posse dela. [...] Quando houver um pobre entre os teus irmãos numa das tuas cidades, na tua terra que o Senhor, teu Deus, te dará, não endureças o teu coração nem feches a tua mão ao teu irmão pobre. Mas deves abrir generosamente a tua mão e emprestar-lhe tudo aquilo de que ele precisar e lhe fizer falta. [...] Dar-lhe-ás abundantemente e que o teu coração não fique descontente ao dares-lhe, pois por causa disto o Senhor, teu Deus, há-de abençoar-te em tudo o que fizeres e emprenderes com as tuas mãos. [...] Quando te for vendido um teu irmão, hebreu ou hebreia, será teu escravo durante seis anos, mas no sétimo ano deves deixá-lo ir em liberdade.

E quando o deixares ir em liberdade, não o deixarás ir de mãos vazias. Mas oferecer-lhe-ás do teu rebanho, da tua eira e do teu lagar; dar-lhe-ás aquilo com que o Senhor, teu Deus, te abençoou. [...] Não sintas que é duro aos teus olhos deixá-lo ir em liberdade, pois, durante seis anos, o teu escravo deu-te o dobro do benefício de um assalariado. Deste modo, o Senhor, teu Deus, abençoar-te-á em tudo o que empreenderes».

Dt.15, 1-18

O sopro que saía do corno de um carneiro era o som mais esperado pelo Povo da Antiga Aliança. A partir do Templo de Jerusalém, com ritmo epidémico e imparável, se expandia por todo o Israel anunciando o *Jobel* ou ano de Jubileu. Carregado de regras minuciosamente descritas no Levítico aparentemente não significava outra coisa senão o tempo da grande *Expição* dos pecados do Povo Eleito.

Aquele som tremendo, no entanto, não anunciaria simplesmente o início de rituais de purificação e de holocaustos expiatórios que procurariam suavizar com sangue de animais, uma temida ira divina, mas o compromisso de todo um povo não só com o seu Deus revelado pelos profetas e atuante na sua história, mas com toda a sua Criação.

Promulgava-se um ano extraordinário que obrigava ao repouso das terras, convidava ao perdão geral das dívidas e incentivava a libertação dos escravos.

Não ia o repouso da terra para além de um ano, considerando a vital dependência da agricultura que caracterizava os povos da antiguidade clássica. Mas o seu profundo significado, para lá das dificuldades práticas que podia comportar era claro: os frutos da terra não são simplesmente um resultado do esforço e do suor humanos, mas dádivas do Criador e como tal devem ser *democratizados*. A utopia de um longo repouso da terra transporta portanto a ideia da necessidade da partilha dos bens essenciais para a sobrevivência humana e denuncia o pecado tremendo que representa o seu acúmulo e desperdício em nome de lucros ingentes por parte de sectores minoritários, mas potentes, cujos interesses não passam pela distribuição alargada daqueles bens a vastas parcelas da humanidade.

No Antigo Testamento a terra era propriedade das tribos e famílias de clãs, doadas durante a distribuição das terras após a conquista de Canaã. Com o jubileu, auspiciava-se que o território da terra prometida fosse reconstruído, segundo o predisposto por Deus aquando da primeira divisão do país entre as tribos de Israel.

Com as dívidas procurava-se fazer o mesmo. Iniciava-se o ano de jubileu procurando assegurar que todos se encontrassem num igual nível de bens e sobretudo recordava-se com insistência o objetivo utópico idealizado no Deuterónimo, «Não haja entre vós nenhum necessitado [...] e se entre vós houver algum irmão necessitado, não endureçais o coração nem fecheis a mão» (15, 4.7).

O apelo ao perdão das dívidas perde-se no tempo. A consciência de que a falência de uma pessoa, de uma família ou de um grupo económico tem sempre consequências graves na sociedade, não passou despercebido aos legisladores desde a mais remota antiguidade.

Já o mais antigo código legal conhecido, o de *Hamurabi*, escrito quase dois mil anos antes de Cristo, defendeu o anulamento geral das dívidas dos cidadãos ao menos em relação aos poderes públicos e altos dignitários e prescreveu que o potente não pode oprimir o débil, que a justiça deve proteger a viúva e o órfão de modo a salvaguardar a justiça aos oprimidos.

O ano do jubileu era igualmente o ano da libertação dos escravos. Uma realidade tenebrosa e profundamente desumana presente em praticamente todas as culturas e que só se erradicou praticamente já entrados no século XX, a escravatura privou durante milénios, milhões de seres humanos não só da sua liberdade como do seu estatuto de homens e mulheres em igual dignidade com os que se consideravam seus proprietários. Infelizmente a consciência religiosa tentou justificá-la para poder conviver com esta indizível injustiça e no melhor dos casos, procurou suavizar a existência miserável de homens e mulheres vítimas da cor da sua pele ou da ganância de lucros que derivou de autêntico comércio feito de compra e venda de seres humanos.

Israel nunca libertou totalmente os seus escravos. Mas no jubileu se recordava o ideal de uma sociedade onde o abuso desapareceria, as algemas seriam definitivamente destruídas, finalmente se caminhará em liberdade.

O JUBILEU CRISTÃO: O ANÚNCIO DE JESUS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

No prólogo da sua pregação pública, segundo o Evangelho de Lucas, Cristo entrou na sinagoga da sua aldeia em Nazaré. Naquele decisivo sábado, leu e comentou um texto de Isaías (c. 61), anunciando um Jubileu que haveria de durar até ao cansaço dos séculos e que ele agora inaugurou diante de ouvintes escandalizados e cétricos: «O Espírito do Senhor está sobre mim; ele me ungiu e me enviou para proclamar a boa nova aos pobres, para proclamar a libertação aos presos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para pregar um ano da graça do Senhor» (Lucas, 4, 18-19).

Nasceu numa insignificante sinagoga e num ambiente hostil a Cristo, o Jubileu cristão.

Com Cristo, a imagem de marca do Jubileu ou o seu significado é o responder ao sofrimento que como uma segunda pele, se cola à existência de todo e qualquer ser humano e proclamar a onnipotente, ilimitada e suprema Misericórdia de Deus. Colocando Deus no centro da reflexão e do paradigma absoluto do que é o ser humano, o Jubileu deve impelir a atitudes concretas que nascem da conversão sincera ao Evangelho.

Tempo de reconciliação com Deus e com o próximo, tempo de derrubamento dos invisíveis muros ideológicos, religiosos ou de preconceitos que nos separam e dividem, de modo a que a Esperança, tema do Jubileu deste ano 2025, não seja apenas uma utopia de um mundo melhor, mais bondoso, justo e pacífico, mas uma oferta concreta que os cristãos podem dar aos seus contemporâneos.

O JUBILEU NO TEMPO E NA HISTÓRIA

Não se pode compreender o significado de Jubileu cristão sem percebermos a ideia de tempo. Para o cristianismo os seres humanos vivem no tempo que tem uma dimensão humana e divina. Com o nascimento de Cristo, o tempo alcança o seu sentido pleno e salvífico. A presença de Deus na História assume contemporaneamente passado e futuro, a eternidade entra no tempo e o tempo humano atinge a sua plenitude porque fecundado pela presença de Deus e predestinado a alcançar a eternidade em Deus. Os Jubileus são pois momento de salvação, tempo dedicado de modo particular a Deus, “ano da graça do Senhor”.

Deus está presente no mundo inteiro, em todos os tempos e culturas humanas. Todo o tempo está inteiramente submetido ao domínio de Deus. Isto não impede que se reservem tempos determinados e lugares sacros que possam ser assinalados por particulares intervenções salvíficas. Uma intuição presente em todas as religiões e nessa base a Igreja funda a sua certeza de que o ano jubilar ligado a um tempo determinado e a certos lugares sacros, pode ser um encontro com o divino experimentado em modo particularmente intenso.

O terreno da Igreja, coerente com o feliz anúncio libertador de Cristo, está semeado de diversos acontecimentos jubilares. O primeiro deles foi convocado mil e trezentos anos depois do nascimento de Cristo com a bula *Antiquorum habet*, de 22 de fevereiro de 1300 de Bonifácio VIII.

De entre vários Jubileus, podemos recordar o de 1475 quando Sisto IV de acordo com o parecer do seu antecessor Paulo II, estabeleceu que os Jubileus seriam celebrados a cada 25 anos. Com o Jubileu de 1500, Alexandre VI definiu o cerimonial da abertura e conclusão dos anos santos e estabeleceu o rito da abertura da Porta Santa que reservou para cada uma das quatro Basílicas Papais e que continua a vigorar.

O Jubileu de 1975 foi dedicado por Paulo VI à reconciliação. Extraordinariamente estiveram presentes na abertura da Porta Santa uma delegação de monges budistas, aboliram-se as excomunhões com as Igrejas orientais e nele participou o Patriarca de Alexandria.

No ano 2000 com São João Paulo II, o Grande Jubileu viu como principais iniciativas o pedido de perdão pelos pecados e erros históricos da Igreja, a edição do Martirológio dos cristãos assassinados durante as perseguições comunistas, nazistas e fascistas do século XX e a realização das Jornadas Mundiais da Juventude.

Em 2015 o Papa Francisco declarou um Jubileu para o 50º aniversário do fim do Concílio Vaticano II e dedicou-o à misericórdia. Numa iniciativa sem paralelo, foram abertas "portas da misericórdia" em diversas igrejas do mundo e também em hospitais e prisões. Nesse ano foram instituídos os *Missionários da Misericórdia* com a faculdade de perdoar os pecados reservados ao Santo Padre.

O JUBILEU DE 2025: JUBILEU DA ESPERANÇA

Para o cristão, a Esperança é um motor que permite ativar sobre cada acontecimento, sobre cada ser humano, um olhar renovado. Jesus prometeu que regressará. Consequentemente, nós somos habitados por esta certeza que transcende os mais insignificantes actos das nossas vidas. Cada realização humana transporta o sinal de que Deus está próximo. Viver na esperança é aceitar a angústia e ao mesmo tempo viver na alegria.

Podemos dizer que existe um dinamismo na virtude teologal da Esperança. Ela mobiliza-nos, faz-nos avançar sem desencorajarmos. A Esperança alimenta-se da Fé e a Fé vivifica-se na Esperança.

Esperança, fé, confiança e amor de Deus e a Deus, se conjugam para nos permitir avançarmos e alcançarmos todos os dias metas sempre novas e aparentemente inalcançáveis. E de permanecermos, serenamente, na certeza que todos os caminhos levam ao Pai.

Em diversas ocasiões o Papa Francisco visitou o tema da Esperança. O discurso do Papa Francisco sobre esta virtude, na audiência de quarta-feira 20 de setembro de 2017, merece ser lido e relido em infinitas ocasiões. Nele é empolgante e extremamente encorajador o apelo a esperar em Deus em toda e qualquer circunstância:

«Não te rendas à noite: recorda que o primeiro inimigo a vencer não está fora de ti: mas dentro. [...] não concedas espaço aos pensamentos amargos, obscuros...[...] No final da existência não nos espera um naufrágio: em nós palpita uma semente de absoluto. [...] Onde quer que estejas, constrói! Se estás no chão, levanta-te! [...] Ama as pessoas. [...] Respeita o caminho de todos. [...] Não tenhas medo de sonhar. Sonha! Sonha um mundo que ainda não se vê mas que certamente chegará. [...] Cultiva ideais. Vive por algo que supera o homem...[...] Se erras, levanta-te: nada é mais humano do que cometer erros. E aqueles mesmos erros não se devem tornar para ti uma prisão. Não fiques preso nos teus erros. [...] E se errares ainda no futuro, não temas, levanta-te! [...] Vive, ama, sonha, crê. E, com a graça de Deus, nunca te desespere».

Na audiência de 8 de Maio deste ano, retomou o tema da Esperança para nos recordar, que «a esperança é uma virtude contra a qual pecamos frequentemente: nas nossas saudades negativas, nas nossas melancolias, quando pensamos que as felicidades do passado estão enterradas para sempre. Pecamos contra a esperança, quando desanimamos diante dos nossos pecados, esquecendo que Deus é misericordioso e é maior do que o nosso coração. [...] Deus perdoo tudo, Deus perdoo sempre. [...] Pecamos contra a esperança, quando desanimamos perante os nossos pecados; pecamos contra a esperança, quando o outono anula em nós a primavera; quando o amor de Deus deixa de ser um fogo eterno».

O Papa Francisco está profundamente convicto da urgência de se recuperar no horizonte da nossa vida esta virtude e naquela mesma audiência afirmou:

«O mundo de hoje tem muita necessidade desta virtude cristã! O mundo precisa da esperança, assim como tem tanta necessidade da paciência, uma virtude que caminha de mãos dadas com a esperança. Os homens pacientes são tecelões de bem. Desejam obstinadamente a paz, e embora alguns tenham pressa e queiram tudo e já, a paciência tem a capacidade da espera. Até quando muitos à sua volta cederam à desilusão, quem é animado pela esperança e é paciente, torna-se capaz de atravessar as noites mais escuras. Esperança e paciência caminham de mãos dadas! A esperança é a virtude de quem é jovem de coração; e nisto, a idade não conta. Porque existem até velhos com os olhos cheios de luz, que vivem em tensão permanente para o futuro».

Na Bula com que proclama o Jubileu de 2025 o Papa Francisco lança um olhar sobre as diferentes realidades humanas, campo imenso e variado onde as sementes da Esperança devem ser incessante e abundantemente lançadas.

A primeira é a paz. Um valor inestimável que hoje mais que nunca volta a ser também um apelo que brota dos corações de quantos são vítimas da guerra e de quantos se solidarizam com os que sofrem com ela. Assim o diz na Bula que proclama o Ano Santo: «Que o primeiro sinal de esperança se traduza em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da *guerra*. Esquecida dos dramas do passado, a humanidade encontra-se de novo submetida a uma difícil prova que vê muitas populações oprimidas pela brutalidade da violência. Faltarão ainda a esses povos algo que não tenham já sofrido? [...] Será excessivo sonhar que as armas se calem e deixem de difundir destruição e morte? O Jubileu recorde que serão «chamados filhos de Deus» todos aqueles que se fazem «obreiros de paz» (Mt 5, 9).»

Depois desta vital esperança de uma paz, sonhada desde os tempos bíblicos como anúncio da era messiânica, muitas outras realidades devem ser iluminadas pela luz da Esperança e são elencadas na Bula do Jubileu:

A evidente e grave queda da taxa de natalidade, com os seus sintomas de pobreza económica e também pobreza ética e espiritual. A tutela da vida desde a gestação até ao seu fim natural vê-se hoje comprometida, até mesmo por motivos na aparência humanitários, mas gravemente desvirtuados e infelizmente com suporte legal.

Como consequência da pobreza ética ou expressão de fragilidade humana com raízes por vezes externas aos próprios, existe o degradante mundo dos presos, não poucos privados da sua liberdade por motivos políticos ou religiosos. São milhares de pessoas com falta de liberdade e na sua esmagadora maioria, com escassas possibilidades de concretizar a sua reabilitação.

Não menos privados da sua liberdade são os que de tantos modos, construíram com as suas próprias mãos cárceres invisíveis que existem apenas nas suas mentes. Prisioneiros de vícios ou das manipulações de quem julgam poder receber afeto e atenção. Povos inteiros ainda hoje são reféns de dívidas a potências económicas, que dominam os seus próprios governos e que nada têm a invejar nas suas práticas às piores versões do colonialismo nunca verdadeiramente sepultado, o que na prática limita a liberdade de milhões de seres humanos e lhes hipoteca o futuro.

Os doentes, vítimas de males que frequentemente comprometem a dignidade de quem os sofre e até vítimas da falência frequentemente criminosa dos sistemas nacionais de saúde que impedem a largas faixas das populações o acesso aos cuidados médicos em tempo útil e com qualidade, tornando-os um luxo de um restrito número da população mundial.

Os jovens, futuro da família humana e perene promessa na vida da Igreja, verdadeiros mestres do Sonho, invariavelmente seduzidos por um mundo renovado e mais justo, mas tantas vezes feridos nas suas utopias sinceras, mergulham muitos deles, no lodo do vício e da violência, carentes de afecto maduro, de modelos e de referências eticamente válidas.

Os migrantes que involuntariamente e por razões dolorosas e injustas têm que deixar as suas terras de origem e que carentes de respeito e de acolhimento, são por vezes objeto de desprezo e medo por parte dos que os deviam acolher.

Os idosos, autênticos reservatórios de sabedoria de vida, vozes equilibradas e amadurecidas por força de tantos fracassos e também conquistas, muitos conhecem o abandono e acham-se caídos nos braços da solidão.

Por fim os pobres. Numa sociedade secularista, são cada vez mais vistos simplisticamente como seres humanos culpados pela sua indigência e raramente como ocasião para os que possuem mais, de exercitarem as bem-aventuranças do Evangelho. Não têm rosto nem biografia, currículo ou histórias de vida conhecidos. São os que secam por si mesmos as lágrimas dos seus olhos, os que emudecem por pudor o seu grito, os que são constrangidos a esconder a sua presença, os que incomodam só com a sua existência a dos que abundam em bens e sobretudo em oportunidades. Os que dependem só de Deus e da caridade de alguém.

Todas estas realidades sumariamente acenadas são o caleidoscópio humano e existencial que o Jubileu procurará iluminar com a imperecível chama da Esperança.

CONCLUSÃO

Porque o pecado pessoal e comunitário é a raiz de todos os males e fonte do desespero, no Ano Santo, a Igreja, como acontece em cada momento jubilar, oferece também como corolário e ao mesmo tempo ponto de partida, após a visita a Roma, a quantos cumprirem com determinados requisitos, a indulgência plenária.

Espera-se que este Jubileu seja um farol de esperança para que se aproximem do perdão sacramental os que agonizam no pecado e os que perderam a esperança na onipotente misericórdia de Deus de forma a ter dentro de si a força para recomeçar. Seja também uma luz para quantos inocentes, sofrem consequências do pecado estrutural não meditado e por isso impenitente.

Num começo de milénio carregado de fascinantes potencialidades humanas, técnicas e espirituais, num passado ainda não distante inimagináveis, mas infelizmente ainda marcado pela ânsia e atormentado por tanta violência, o Papa Francisco pede com este Jubileu que toda a nossa vida pessoal, comunitária e social e todas as iniciativas pastorais, pela força do Espírito Santo, sejam um anúncio da Esperança que vem da Ressurreição de Cristo.

Um dom que pedimos à Mãe de Deus, sua primeira discípula e mulher da Esperança.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DIÁLOGO

O Jubileu abre perspectivas de libertação pessoal e comunitária. É um convite a uma higienização mental e espiritual.

- 1.** Que peso têm os sedimentos acumulados na minha vida que me impedem de ser mais livre e de ser um sinal libertador e de Esperança?
- 2.** A vida comunitária da Igreja diocesana tem sectores ou dimensões que necessitam de ser revisitados pelo dom da Esperança? Quais e como levar a Esperança como motor de renovado dinamismo e confiança em Jesus?
- 3.** Apesar de vivermos num contexto socioeconómico de reduzidas dimensões, tenho consciência de que existem graves problemas de pobreza económica e cultural e sou capaz de os identificar e perceber as suas causas? Tenho consciência de que amplos sectores da nossa sociedade açoriana precisam da Esperança que só a escuta e o estudo da Palavra revelada por Jesus pode oferecer? Que fazer para que cada vez mais pessoas possam aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus e assim vivam os desafios do dia-a-dia sem angústias gravemente condicionadoras e sem receio do futuro?

PE. ANTÓNIO DE SALDANHA E ALBUQUERQUE



A ESPERANÇA NÃO ENGANA

«Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Foi também por meio dele que, pela fé, tivemos acesso a esta graça na qual estamos firmes e nos gloriamos, assentes na esperança da glória de Deus. Mais ainda: gloriamos-nos também nas tribulações, por sabermos que a tribulação gera perseverança; a perseverança, firmeza; e a firmeza, esperança. Ora, a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi concedido. De facto, foi quando ainda éramos fracos que, no tempo estabelecido, Cristo morreu pelos ímpios. Dificilmente alguém morrerá por um justo; quando muito, talvez alguém ousasse morrer por um homem bom. Ora, é assim que Deus prova o seu amor para conosco: foi quando ainda éramos pecadores que Cristo morreu por nós. Pois bem, com muito maior razão, agora que fomos justificados pelo seu sangue, seremos, por seu intermédio, salvos da ira divina. Se, com efeito, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus por meio da morte do seu Filho, com muito maior razão, uma vez reconciliados, seremos salvos pela sua vida. Mas ainda: gloriamos-nos também em Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual recebemos agora a reconciliação».

Rm 5,1-11

I. INTRODUÇÃO

Na mitologia grega, a esperança aparece referenciada no famoso mito do vaso de Pandora, narrado pelo escritor Hesíodo (séc. VIII a.C.). Conta-se que Zeus, o pai dos deuses, mandou criar Pandora, a primeira mulher mortal, como forma de se vingar da humanidade, após Prometeu ter roubado o fogo para o dar a conhecer aos homens. Enviada à terra para se casar com o irmão de Prometeu, levou consigo um vaso que jamais poderia ser aberto. Pandora, não tendo suficiente autocontrolo, e movida pela curiosidade de saber aquilo que estava no vaso, abriu-o, libertando do seu interior todos os males conhecidos pelos homens: doenças, dores, sofrimento e morte. Todavia, antes que o vaso ficasse completamente vazio, Pandora conseguiu fechá-lo, tendo apenas permanecido no seu interior a deusa Elpis (*Spes*, no latim; *Esperança*, em português).

Deste mito deriva o dito romano *Spes ultima dea*, isto é, a «esperança é a última deusa», uma frase utilizada para significar que a esperança nunca falha ou que se pode esperar até ao fim. Na cultura popular, dá origem ao conhecido adágio «a esperança é a última a morrer». Com ele, procura-se realçar a importância da esperança ao longo de toda a nossa vida, sobretudo nos momentos de maior crise e dificuldade.

Porém, não podemos deixar de notar neste mito o aparente aspeto ambivalente da esperança: pode consolar o homem afligido por diversos males, mas pode também prolongar o seu sofrimento, fazendo-o esperar por uma coisa que jamais virá. A sua permanência no vaso pode ser interpretada em dois sentidos, pois a esperança é contemporaneamente uma consolação e uma armadilha. A esperança não é necessariamente algo seguro, mas pode ser uma ilusão.

Num mundo marcado por conflitos violentos, pela guerra, pela doença e por tantas situações de mal e de injustiça, é legítimo perguntarmos se há ainda espaço para a esperança. Vale a pena ter esperança, ou ela não é mais do que uma ilusão que somente nos serve de consolação, mas sem qualquer concretização? No contexto da fé, a questão também se coloca. A esperança cristã tem um fundamento seguro ou, pelo contrário, não é mais do que uma espécie de analgésico que fantasia a realidade? A esperança não engana ou é uma ilusão?

2. A ESPERANÇA NA SAGRADA ESCRITURA

Na *Carta aos Romanos*, é São Paulo que nos responde, garantindo que «a esperança não engana» (Rm 5, 5). De facto, esta é a afirmação central que o Papa Francisco escolheu para a Bula de proclamação deste Ano Santo. Esta é também uma convicção que se respira em toda a Sagrada Escritura e não faltam exemplos de homens e mulheres que colocaram a sua confiança em Deus, tendo uma esperança que estava para além de qualquer expectativa humana.

2.1. A esperança no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a esperança está ligada à confiança no Deus da Aliança, que guia o povo de Israel através das vicissitudes da história. Neste contexto, Abraão é sem dúvida um modelo de esperança, enquanto confiou em Deus, mesmo quando as promessas pareciam impossíveis de realizar (cf. Rm 4, 18). A promessa de uma descendência para Abraão e Sara desafia qualquer expectativa natural (cf. Gn 18). Além disso, é também dramático o momento em que Deus pede a Abraão para sacrificar o seu próprio filho Isaac, o filho prometido. Não obstante, Abraão sempre se manteve obediente, confiante que Deus encontre um modo de manter a sua promessa.

De facto, Abraão é invocado como «pai da fé» porque a sua vida representa um caminho de confiança e esperança nas promessas de Deus, não obstante as circunstâncias contrárias. A sua esperança não é baseada em provas tangíveis ou seguranças humanas, mas sobre uma profunda confiança em Deus. Embora não veja o cumprimento pleno das promessas divinas durante a sua vida terrena, morre com a esperança de que Deus cumprirá aquilo que prometeu.

Em tantas outras páginas do Antigo Testamento, encontramos uma tónica de esperança. É ela que conduz Moisés e o povo de Israel pelo caminho do deserto, confiando numa terra prometida por Deus. Nos momentos de maior crise e desespero, como quando o povo judeu esteve em cativeiro na Babilónia sem qualquer esperança de retorno, pela voz dos profetas, Deus renovou a esperança no coração deste com a promessa da libertação. Pela voz de Jeremias, o Senhor mostrou o seu perdão e misericórdia e, convidando à conversão de coração, influiu a esperança numa nova realidade, mostrando que a fidelidade a Deus é a garantia do cumprimento das suas promessas (cf. Jr 11, 1-14).

Por outro lado, a Escritura também nos desafia a pensar a esperança. No *livro de Job* encontramos uma história trágica que mete em crise os fundamentos da nossa fé. Perante o sofrimento inocente, onde a esperança é constantemente colocada à prova, Job mostra-nos que a verdadeira esperança não é simplesmente a confiança numa resolução imediata do sofrimento, mas uma profunda confiança em Deus, mesmo quando não compreendemos a razão das nossas provações. A esperança de Job não é então um artifício enganador da mente humana, mas brota de uma inabalável confiança na providência divina.

2.2. A esperança na vida e mensagem de Jesus de Nazaré

Por sua vez, todo o Novo Testamento é permeado de esperança, porque em Jesus Cristo se realizam todas as promessas de Deus, sendo Ele a garantia de uma vida nova, quer no presente, quer na eternidade. O anúncio do Reino de Deus, que inaugura o ministério público de Jesus (cf. Mc 1, 15), representa uma nova esperança para toda a humanidade. Este Reino não é apenas uma realidade futura, mas começa já, no agora, através da sua pessoa e da sua ação. A esperança que Jesus traz é, portanto, imediata e concreta: a cura dos doentes, a libertação dos oprimidos e a reconciliação com Deus. A esperança cristã manifesta-se assim no anúncio das bem-aventuranças, uma vez que estas «elevam a nossa esperança para o Céu, como nova terra prometida e traçam-lhe o caminho através das provações que esperam os discípulos de Jesus» (CIC 1820).

O ponto culminante da esperança cristã, porém, encontra-se na morte e ressurreição de Jesus. Estes acontecimentos não são apenas centrais para a fé cristã, mas também para a esperança no futuro e na vida eterna. Embora a cruz pareça ser um símbolo de derrota e sofrimento, para os cristãos ela torna-se o sinal da vitória de Deus sobre o pecado e a morte. A morte de Jesus não é vista como o fim, mas como o início de um novo tempo. Além disso, o sofrimento e a morte inocente que Jesus sofreu na cruz revela que Deus não é indiferente ao sofrimento e às injustiças humanas. Pelo contrário, assume estas dores, torna-se presente nos momentos mais escuros da condição humana, na certeza de que a verdade e a justiça triunfarão. A morte do Justo não é esquecida, «por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes» (Flp 2, 9).

A ressurreição de Jesus de entre os mortos é o alicerce da esperança cristã. Em 1Cor 15, 17-22, o Apóstolo Paulo sublinha que, se Cristo não tivesse ressuscitado, a fé dos cristãos seria vã, mas porque Ele ressuscitou, os crentes têm a certeza de que também eles ressuscitarão para uma nova vida. É uma esperança que dá sentido à vida presente, infunde coragem e força mesmo nas dificuldades, e aponta para a vida eterna.

3. O FUNDAMENTO DA ESPERANÇA CRISTÃ

Se Jesus morto e ressuscitado é o coração da nossa fé, a esperança cristã só pode estar ancorada na vida eterna. De facto, o Concílio Ecuménico Vaticano II afirma: «se faltam o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade humana é gravemente lesada, como tantas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor ficam sem solução, o que frequentemente leva os homens ao desespero» (GS, 21). Deste modo, a vida eterna é a garantia última das promessas divinas.

Na carta encíclica *Spe Salvi*, o Papa Bento XVI recorda que ao falarmos da vida eterna não podemos esquecer do momento do Juízo Final que, desde os primeiros tempos, influenciou os cristãos na vida quotidiana «enquanto critério segundo o qual ordenar a vida presente, enquanto apelo à sua consciência e, ao mesmo tempo, enquanto esperança na justiça de Deus» (*Spe Salvi*, 41). Por conseguinte, como recorda o Papa, o Juízo não é uma imagem primeiramente aterradora, mas sobretudo de esperança, enquanto apela à responsabilidade. A justiça de Deus é apresentada como a garantia de que as injustiças do mundo não terão a palavra final.

Porém, não podemos esquecer que o Juízo é acompanhado da graça divina. A graça não é uma contradição da justiça, mas sua complementação. Não significa que Deus ignora o mal ou branqueia a injustiça, mas que Ele oferece ao ser humano a oportunidade de purificação e redenção. A graça, nesse sentido, não nega a existência do mal, mas oferece a possibilidade de transformação e cura. Assim, a fé cristã vê no Juízo Final não uma sentença de condenação, mas uma promessa de restauração.

4. UMA ESPERANÇA QUE NÃO ILUDE, MAS TRANSFORMA

A vida eterna é o fundamento da esperança, mas na época moderna esta é duramente atacada. Alguns pensadores, entres os quais Feuerbach e Marx, veem as doutrinas cristãs como ilusões que desvirtuam as verdadeiras condições humanas e sociais. Feuerbach afirma que o cristianismo transfere para o além aquilo que deveria ser realizado no mundo humano. O homem projeta os seus desejos de imortalidade, justiça e felicidade em Deus, criando uma esperança ilusória de salvação futura. Assim, a crença na redenção e na justiça divina futura impede o ser humano de se focar na sua realidade presente e nas suas potencialidades. Marx chega a afirmar que «a religião é o ópio do povo», isto é, oferece um consolo ilusório às massas.

Contudo, a esperança cristã não é uma espera passiva, mas dá-nos a capacidade de enfrentar o nosso tempo presente. Ela desafia os cristãos a anteciparem o Reino de Deus no presente. Trata-se de uma força transformadora que impulsiona os fiéis a agir no presente em prol da transformação das estruturas injustas da sociedade. Neste contexto, o cristianismo autêntico não é uma fuga do mundo ou uma simples expectativa do céu, mas uma participação ativa na luta contra a injustiça, o sofrimento e o mal.

A Doutrina Social da Igreja é um exemplo prático de como a esperança cristã compromete os fiéis com o mundo. Do mesmo modo, o Papa Francisco, nas suas diversas encíclicas, como a *Laudato Si* ou a *Fratelli Tutti*, reforça que a fé cristã deve levar a ações concretas para transformar o mundo, especialmente no cuidado com a casa comum, na construção de uma economia mais justa e no combate às desigualdades, pois só assim se construirá uma verdadeira Fraternidade.

CONCLUSÃO

A esperança cristã, longe de ser uma ilusão, é uma força transformadora que impulsiona os crentes a agir no presente em favor da justiça e da dignidade humana. Com a vivência deste ano jubilar, o Papa Francisco convida-nos a uma esperança que nos compromete com o mundo, fazendo de nós «peregrinos da esperança» onde ela mais carece: junto dos presos, dos doentes, dos jovens, dos migrantes, dos idosos e dos pobres.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DIÁLOGO

- 1.** A esperança habita a vida de todos nós. Em que momentos ela foi mais importante na minha vida?
- 2.** Nem sempre as minhas esperanças se realizam. Como entender e lidar com o fracasso?
- 3.** Há espaço para a esperança hoje na minha vida, na nossa sociedade, no mundo, na Igreja? Como resistir ao pessimismo? Como é que é entendida a vida eterna na nossa açorianidade?

PE. NELSON PEREIRA



A VIDA CRISTÃ COMO PEREGRINAÇÃO

«Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminhar para uma povoação, chamada Emaús, que distava sessenta estádios de Jerusalém, conversando um com o outro sobre tudo o que tinha acontecido. Enquanto eles conversavam e discutiam, Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes, então: «Que palavras são essas que troçais entre vós enquanto caminhais?». Pararam com ar pesaroso, e um deles, chamado Cléofas, respondeu-lhe: «Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?». Ele perguntou-lhes: «O quê?». Eles responderam-lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo; de tal modo que os chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e crucificado. Nós esperávamos que fosse Ele quem haveria de resgatar Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram. No entanto, algumas mulheres do nosso grupo deixaram-nos desconcertados: foram de manhã cedo ao sepulcro e, ao não encontrarem o seu corpo, vieram dizer que tinham tido uma visão de uns anjos que diziam que Ele está vivo. Alguns dos que estavam connosco foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres haviam dito; mas a Ele não o viram». Então Ele disse-lhes: «Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração para acreditar em tudo quanto disseram os Profetas! Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?». E, começando em Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes o que, em todas as Escrituras, lhe dizia respeito. Ao aproximarem-se da povoação para onde iam, Jesus fez menção de seguir adiante, mas os outros começaram a insistir com Ele, dizendo: «Fica connosco, porque se faz tarde e o dia já está a declinar». Entrou, então, para permanecer com eles. Quando Ele se reclinou com eles à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu-lho. Então abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no. Mas Ele desapareceu da sua presença. Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o nosso coração quando Ele no caminho nos falava, quando nos explicava as Escrituras?». Levantaram-se nesse mesmo instante e voltaram para Jerusalém. Encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, que diziam: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão». Então eles contaram o que acontecera no caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer na fração do pão».

Lc 24,13-35

Uma primeira distinção pode ajudar-nos, distinguindo a peregrinação do turismo: este último põe o corpo em movimento, a curiosidade, a necessidade de se distrair ou de descansar, mas não incide profundamente na vida de quem viaja, que depois regressa à sua vida anterior. A peregrinação, pelo contrário, coloca em movimento e faz caminhar também a alma, a dimensão espiritual e transcendente da pessoa, e coloca-se ao nível das experiências que tocam o centro profundo da pessoa, a sua consciência, aquele ponto do ser onde só existe a verdade entre nós e Deus, e geralmente provoca uma mudança interior.

Neste sentido, a peregrinação consiste numa viagem sagrada, numa deslocação da própria casa (ou da condição interior inicial) para um lugar onde Deus se manifestou e está presente, a fim de O reencontrar e dar uma nova direção e orientação à existência.

Consiste mais precisamente num chamamento, tal como é narrado em muitos textos bíblicos, onde é descrita a vocação de muitos - a começar por Abraão - que foram convidados a deixar a sua pátria para se dirigirem a um lugar prometido pelo Senhor como o lugar onde Ele cumpriria as suas promessas, inscritas no interior do chamamento.

É fácil, mesmo com estas poucas ideias, compreender a vida cristã como uma peregrinação: consiste numa existência que encontra orientação, direção e sentido precisamente a partir de uma compreensão de si mesma como um tempo em que Deus chama, em primeiro lugar, à existência e, depois, a uma aliança com Ele, a segui-Lo, caminhando para se tornar filhos que partilham a Sua vida aqui no tempo e para a eternidade. Como criaturas que se definem em função da sua relação com Ele, não vivendo o que acontece apenas como uma série de acasos humanos ou materiais, mas como tantas etapas de um caminho de crescimento, maturação e plenitude.

Um peregrino vive confiando que há um desígnio bom e providencial em tudo o que lhe acontece: e isso resgata a sua vida do acaso, da fatalidade e da insignificância, ou da dor e do desespero do cinismo.

Viver a vida cristã como uma peregrinação pode, portanto, ter também outras implicações.

A primeira, que o apóstolo Pedro nos recorda na sua Primeira Carta (1Pe 1,17), diz respeito à nossa relação com o tempo. É interessante verificar que, nesse texto, o apóstolo define o tempo da Igreja (o tempo da nossa peregrinação) como “o tempo da paróquia” (*ho chronos tes paroikias*), se nos lembrarmos que “paróquia” significa, nesse texto, a “estadia do estrangeiro”. O termo grego utilizado por Pedro designa a residência temporária do exilado, do colono ou do estrangeiro, por oposição à residência legítima do cidadão (que em grego se chama *katoikein*).

Viver a vida cristã como uma peregrinação significa crescer na consciência de que vivemos aqui como estrangeiros, como residentes que não têm aqui morada permanente. Não apenas no sentido de que estamos aqui por um curto período de tempo, vivendo um pouco aqui e um pouco ali, mas que vivemos *na companhia do Senhor, caminhando na Sua presença*, vivendo de forma diferente também o tempo material que nos é dado, e que é transformado precisamente pelo facto de o Senhor caminhar connosco e estar presente aqui, agora.

São Paulo recordou aos Tessalonicenses (1Ts 5,1-2): «Quanto ao tempo e aos momentos, não preciso de vos escrever. O dia do Senhor vem como um ladrão, de noite». “Vem” está no presente do indicativo, tal como o Messias é chamado nos Evangelhos “aquele que vem”, que não pára de vir. Assim, cada dia, cada momento é a pequena porta pela qual o Senhor entra.

Quando vivemos a vida como uma peregrinação, todos os momentos, todos os encontros, todas as circunstâncias estão abertas a esta relação. O Senhor, caminhando connosco, trabalha e transforma a partir de dentro o tempo que nos é dado viver, o tempo que nós próprios somos. E este tempo não é um outro tempo,

situado num outro futuro imprevisível, mas é o único tempo que podemos ter. O cristão vive o tempo que lhe é dado com uma intensidade que os outros não podem ter. É ainda Paulo que escreve: «Eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve. De agora em diante, os que têm mulher, vivam como se não a tivessem, e os que choram como se não chorassem, os que se alegram, como se não se alegrassem...» (1 Cor 7,29-31).

Viver como peregrinos, caminhando sempre de mãos dadas com o Senhor, significa deixar que Ele transforme o nosso tempo para que possamos viver de forma diferente.

O trecho do Evangelho que nos guia mostra um exemplo do que significa “caminhar com o Senhor”, fazer da nossa existência uma peregrinação na companhia do Ressuscitado, vivo e presente aqui e agora. É significativo o facto de esta passagem retomar a própria estrutura da Missa.

O **primeiro elemento** a sublinhar é precisamente o caminho. A vida de fé é caminhar numa estrada e não, por exemplo, andar num comboio de parque de diversões: o tempo não é circular como a linha de um comboio em miniatura (as experiências não se repetem, são e permanecem únicas, irrepetíveis) e nós não estamos dentro de um parque de diversões quando vivemos na fé: não somos, isto é, estranhos à vida, vivemos o que todos vivem (amor, família, trabalho, saúde.).

O Ressuscitado aproxima-se de Cléofas e do outro discípulo que estão a caminhar e pergunta-lhes quais são os seus problemas. Para nós, isto significa: antes da liturgia, antes da Bíblia, há Deus Criador, há a vida. Começa-se a fazer da vida uma peregrinação pondo os pés bem assentes na terra, abrindo os olhos para a realidade das coisas, levando a vida a sério, porque ela é a primeira Palavra de Deus. É dentro desta vida (que muitas vezes nos deixa “com ar pesaroso”) que devemos estar abertos às visitas do Senhor, ao imprevisível de Deus.

É preciso aderir a este corpo que recebemos, aceitá-lo; é preciso reconhecer o nosso temperamento; amar a nossa história, os nossos pais... tudo o que somos e recebemos é o caminho pelo qual o Senhor chega até nós e caminha connosco.

O **segundo elemento** é que o Senhor dirige a sua palavra a nós, e fá-lo depois de os discípulos lhe terem contado a sua dor e a sua situação. O que Jesus diz é interessante se responde a perguntas que trazemos dentro de nós, a necessidades que sentimos como vitais e não satisfeitas. A Bíblia é o recontar de tantas palavras e de tantas histórias com que Deus acompanhou o caminho do seu povo, revelando-se, desde a criação até Jesus Cristo, que é a própria Palavra de Deus feita carne. Viver a vida como peregrino significa familiarizar-se com a Escritura, porque ela é a luz com que se ilumina o caminho, compreendendo a nossa própria existência como continuação dessa história, feita de chamamentos, alianças, libertações, transfigurações, Páscoa.

O **terceiro elemento** é o pão que o Ressuscitado parte e oferece, ou seja, a Eucaristia: a sua presença real e sacramental. É importante aprender a acolher este Pão que o Senhor nos dá, porque a novidade cristã é que não somos nós que procuramos Deus e o tornamos presente, mas é Ele que nos procura para se oferecer a nós. A Eucaristia é o Pai que nos dá o seu Filho, a sua vida; escrevendo em nós os traços e a fisionomia do seu Filho, através do simples gesto de receber e comer.

Através deste gesto, a vida de Deus passa para nós e a nossa vida passa para Deus; o Senhor, como diz o texto deste evangelho, «entrou, então, *para permanecer* com eles».

Esta comunhão permanece connosco de forma pessoal (não mágica ou automática, mas relacional, de pessoa para pessoa) e educa-nos a dizer o nosso “sim” ao Pai ao longo de toda a nossa vida, a fazer da nossa existência uma peregrinação de confiança e de amor, um *Amém* contínuo, passo a passo: «O Filho de Deus, Jesus Cristo, aquele que foi por nós anunciado entre vós [...] não foi um «sim» e um «não», mas unicamente um «sim». Nele todas as promessas de Deus se tornaram «sim» de é por isso que, graças a Ele, nós podemos dizer o «amém» para glória de Deus» (2 Cor 1,19-20).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DIÁLOGO

1. Viver a vida cristã como uma peregrinação significa crescer na consciência de que vivemos aqui como estrangeiros, como residentes que não têm aqui morada permanente. É assim que vivemos, pessoal e comunitariamente? Caso não vivamos assim, o que podemos fazer para mudar?
2. Viver a vida como peregrino significa familiarizar-se com a Escritura, porque ela é a luz com que se ilumina o caminho. Qual o lugar da Palavra de Deus na vida das nossas comunidades? Quando temos de discernir – até nas questões do dia a dia – que lugar tem a Palavra nesse processo? Contam mais as nossas palavras ou a de Deus?
3. É importante aprender a acolher o Pão que o Senhor nos dá, porque a novidade cristã é que não somos nós que procuramos Deus e o tornamos presente, mas é Ele que nos procura para se oferecer a nós. Como é preparada e vivida - interior e exteriormente - a Eucaristia na nossa comunidade? O que fazer para melhor a assimilarmos e colhermos os seus preciosos frutos?

PE. PAOLO ASOLAN